

Sarney

Desimportância dos líderes

03 MAR 1990

CARMO CHAGAS

O presidente José Sarney, raposa dos bastidores do Congresso, está se comportando como um amador, em suas últimas semanas na Presidência. Insiste em reivindicar, como obra de seu governo, o clima de liberdade reinante no Brasil. Repete a toda hora que comandou as eleições presidenciais mais limpas da História da pátria; voltou a dizer isso ontem, na sua **Conversa ao Pé do Rádio**.

Bobagem pura. Houve eleições limpas, respira-se liberdade. Mas não existe um autor dessa obra. Trata-se, aqui, de criação coletiva. A sociedade nacional, no seu conjunto, desejou e conquistou esse resultado. A gente do Brasil assim quis e procedeu para que assim fosse. Sarney até pretendeu tumultuar a campanha eleitoral para presidente, com invenção de candidaturas de penúltima hora. Mas não conseguiu.

Nada, num país, acontece sem a força e o apoio de seu povo. Para o bem ou para o mal, é fundamental a ação do povo. No mínimo, há de haver a tolerância do povo. A Revolução de 1964, por exemplo, só foi possível depois que milhões de pessoas saíram pelas ruas das principais cidades brasileiras em manifestações contra o governo. Tais manifestações, antes tentadas, não se concretizaram. E os conspiradores continuaram apenas conspirando. As chances de sucesso só surgiram na esteira das Marchas com Deus pela Liberdade.

Esse mesmo povo, como se sabe, acabaria por se arrepender. Mas ainda dava sustentação ao governo no começo da década seguinte, quando presos políticos sofriam tortura nas prisões da ditadura, então presidida pelo general Emílio Médici. É duro admitir mas os torturadores agiram enquanto contaram com a tolerância de grande parte da população. Aliás, a tortura de presos comuns só existe no Brasil (alguém sério é capaz de negar?) porque o povo a tolera. Parte da população até apoia essa prática.

Por vontade da Nação brasileira, muito bem interpretada pelo general-presidente seguinte, Ernesto Geisel, o tempo da tortura de presos políticos terminou. Veio a descompressão, depois chamada distensão, a tortura e, já nos dias de hoje, transição. Chegamos às vésperas da posse de um presidente eleito pelo voto direto da maioria do povo, com respaldo para executar aquilo que o povo deseja e exige. Pois é o povo quem cria as condições para que os fatos históricos ocorram.

Guerra e Paz,

Essa desimportância dos líderes. Tolstoi pretendia atingir Napoleão. Quer demonstrar

**Num país,
nada
acontece
sem apoio
do povo**

que é falsa a idéia, vigente, de que um homem sozinho pode conduzir dezenas de milhares de outros homens. Tolstoi argumenta que um conjunto de pequenos episódios vai ocorrendo, paulatina e simultaneamente, até produzir aquele momento em que alguém grita "Fogo!" e a multidão foge do teatro lotado. Sendo incauto, esse que gritou pode acreditar que foi o salvador de toda aquela gente. Atento, notará que um conjunto de fatos anteriores (um incêndio em outro teatro na antevespera, o calor da noite) instalara o pânico na alma das pessoas. Quem gritou, nesse caso, importa muito pouco. Quase nada.

Existe, aí, uma sutileza que pouca gente percebe. Por, às vezes, não perceber, o povo chega a se enganar. A inegável popularidade do general Médici em 1970 e 1971 prova que, às vezes, o povo se deixa iludir. Os presos políticos sofriam choques, passavam no pau-de-arara, passavam por toda a sorte de vexames e dor (como os presos comuns hoje e sempre, vale ressaltar). Mas as pessoas tinham dinheiro na Bolsa, a Seleção era tricampeã de futebol, as estradas melhoravam, o País dava sinais de progresso. Então, sob o efeito anestésico do milagre brasileiro, Médici muito possivelmente saísse vencedor numa eleição direta para presidente. Talvez ganhasse até de Juscelino Kubitschek ou de Carlos Lacerda, líderes de grande prestígio e que ainda viviam.

O presidente José Sarney, recentemente, citou o poeta, escritor e dramaturgo russo Máximo Gorki. Por certo leu Tolstoi, também russo e literariamente mais importante que Gorki. Por certo conhece **Guerra e Paz**. Deveria, portanto, saber que os salvadores da pátria não passam de figura de retórica. O país, as instituições do país, a vocação do país, o sentimento do país — isso, sim, é o que conta.

Esta altura, por sinal, não conta quase nada o que percebe ou deixa de perceber o presidente Sarney. Importa, mesmo, é que o novo presidente, Fernando Collor, entenda direito o papel que lhe cabe. Até agora, Collor tem falado em modernização, austeridade, justiça, firmeza, vontade de trabalhar e produzir. Sarney também falava assim, no começo. Assim costumam falar todos os governantes, quando começam. E, quase sempre, contam com o apoio inicial do povo. Sarney não conseguiu manter esse apoio. Agora, está chegando a vez de Collor tentar.